

TEXTÍCULOS E CRUELDADE: DIÁLOGOS ENTRE JONAS MARIA E ANTONIN ARTAUD

Juliana Vieira Sampaio
*Professora do Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas
Públicas da Universidade Federal do Ceará.*
julianavsampaio@hotmail.com

Simpósio Temático nº 20 – Estudos contracanônicos em literaturas e culturas

RESUMO

O binarismo de sexo é percebido na nossa sociedade como elemento pré-discursivo, um destino marcado pela biologia. A naturalização do sexo supõe que as marcas corporais por si mesmas determinam o duplo macho/fêmea, porém, o que se observa com a experiência trans é que o sexo, desde o princípio, foi gênero. O objetivo desta pesquisa é analisar a noção de corpo nos poemas do escritor Jonas Maria em diálogo com os escritos de Antonin Artaud. Jonas Maria é escritor contemporâneo brasileiro que trabalha diferentes temáticas em sua obra, dentre elas, a sua experiência como pessoa trans, Antonin Artaud, foi um dramaturgo francês criador do teatro da crueldade no início do século XX. Foram analisados 11 poemas de autoria de Jonas Maria, que estão disponíveis de forma online, em seu site. Os dois autores se encontram na medida em que produzem uma série de provocações a partir das suas experiências e escritos sobre a materialidade do corpo, como um sistema físico. O corpo é anárquico, ele é atravessado por uma vitalidade que se transforma a partir de diferentes encontros e experiências, ele não é estável, não possui uma essência ou uma natureza.

Palavras-chave: Corpo, Teatro da crueldade, Binarismo.

ABSTRAT

Sex binarism is perceived in our society as a pre-discursive element, a fate marked by biology. The naturalization of sex assumes that the body marks themselves determine the male/female double, however, what is observed with a trans experience is that sex, from the beginning, was gender. The objective of this research is to analyze a notion of body in the poems of writer Jonas Maria in dialogue with the writings of Antonin Artaud. Jonas Maria is a contemporary Brazilian writer who works on different themes in his work, including his experience as a trans person, Antonin Artaud was a French playwright who created the theater of cruelty in the early 20th century. 11 poems by Jonas Maria were made available, which are available online, on his website. The two authors researched each other insofar as they discipline a series of provocations based on their experiences and writings about the materiality of the body, as a physical system. The body is anarchic, it is traversed by a vitality that changes from different encounters and experiences, it is not stable, it does not have an essence or a nature.

Keywords: Body, Theater of cruelty, Binarism.

INTRODUÇÃO

Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite (...) O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 10-12).

O corpo das pessoas trans, provoca fissuras nas dicotomias natural/artificial, macho/fêmea, sexo/gênero, tais categorias são fabricadas em uma rede de saberes e forças que produzem classificações, exclusões, violências e diferentes modos de subjetivação. Na nossa sociedade, o binarismo de sexo é percebido como pré-discursivo, um destino marcado pela biologia, e essa naturalização do sexo supõe que as marcas corporais por si mesmas determinam o duplo macho/fêmea. Porém, o que se observa com a experiência trans é que o sexo, desde o princípio, foi gênero. Os corpos trans des-(re)-feitos incitam o questionamento sobre a naturalização do sexo.

Seios, bunda, pênis e vagina, com o avanço da tecnologia, são construídos hoje mediante cirurgias e aplicação de silicone industrial e, com isso, a pretensa natureza do sexo é ressignificada e modificada. Questionar que o sexo é uma construção tanto quanto o gênero não é negar a materialidade do corpo. Este não é um quadro em branco no qual os símbolos da sociedade irão simplesmente se inscrever (BUTLER, 2010). O gênero produzido culturalmente não constrói marcas no corpo que está passivamente à sua espera. Quando afirmamos que o sexo não é natural, compreendemos que este é uma interpretação política e cultural do corpo.

O sexo é uma categoria política e não um fato natural. O binarismo de sexo é produto de uma economia reguladora que busca suprimir as múltiplas sexualidades que quebram com a lógica heteronormativa. É a heterossexualidade compulsória que produz uma falsa coerência entre o sexo cromossômico/biológico e o gênero. Dessa forma, não existe distinção entre sexo e gênero. A anatomia tem sido utilizada por séculos como argumento para a perpetuação da desigualdade de poder (LAQUEUR, 2001).

Tendo em vista a problemática do binarismo e naturalização do sexo, e a compreensão do corpo como um elemento dotado de uma estabilidade e essência a-histórica e a-social, analisaremos os possíveis encontros entre a produção do dramaturgo

francês, Antonin Artaud, sobre o Corpo Sem Órgãos (CsO), e os poemas do escritor brasileiro Jonas Marias sobre as suas experiências corporais e a transexualidade.

CORPO SEM ÓRGÃOS E TEXTÍCULOS

Antonin Artaud propôs, na primeira metade do século XX, o Teatro da Crueldade, que teve influência dos movimentos surrealista e dadaísta. As diferentes experiências de internação de Artaud em manicômios influenciou na sua produção sobre a crueldade, se opõe à doutrina teológica do juízo (SANTOS, 2018). O juízo implica na organização dos corpos, já o Corpo sem Órgãos (CsO), é o corpo afetivo e anarquista. O juízo insiste em transformar o corpo em algo definido, eficaz e funcional, não aceita as falhas, os delírios, o irracional. Artaud (1983) questiona a racionalidade moderna que reduz os órgãos do corpo ao organismo meramente biológico e compreende este corpo a partir de uma lógica de organização anatômica dos órgãos.

Artaud entende que criar um CsO para si é uma forma de resistir e escapar ao juízo; “definir o corpo em devir, em intensidade, como poder de afetar e ser afetado, isto é, Vontade de Potência” (DELEUZE, 1997, p.149). O que existe é a materialidade do corpo, que se encontra com corpos. O CsO luta contra a “normalização e as violências cognitivas do saber e de um poder racionalizante” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.109).

Corpos ingovernáveis, portanto, emergem de práticas desnaturalizadoras de si, da construção de novos regimes sensíveis – corpos sem órgãos, portanto –, os quais não se constituem fora do plano coletivo do viver e supõem a ampliação do grau de abertura às intensidades do mundo (SANTOS, 2018, p.137).

É esse corpo ingovernável, sem órgão, que se abre para as intensidades do mundo e que resiste ao Juízo da racionalidade que violenta e normaliza, que encontramos nos escritos de Jonas Maria. Em um trecho do poema “Sintético”:

O que há de errado com o artificial? Já somos ciborgues há muito tempo.
Não há um corpo errado.
Não há um corpo biológico.
Não há um corpo de homem ou de mulher.
Há um corpo (?).
Há um corpo onde significados são escritos sobre ele, sem permissão, e com violência.
Não há uma alma masculina, um cérebro masculino ou uma essência masculina.
Minha vagina também não é uma vagina de homem, tampouco de mulher
(JONAS MARIA, S/D).

Jonas Maria e Artaud se encontram na resistência a norma, que insiste em padronizar os corpos e organizá-los a partir de uma determinada racionalidade. Desafiar o Juízo é fazer existir, é desejar e fazer a vida pulsar.

Em “Geografia do Corpo”, Jonas Maria, provoca os saberes que organizam e mapeiam os corpos a partir de uma série de regras e que violentam aqueles que escapam de tais demarcações do território corporal:

O mapa havia sido desenhado por outras pessoas, em outros terrenos e circunstâncias, e eu apenas o recriava, cego, inorgânico.

Que terremoto foi.

Vejam bem, não há outra saída: é preciso fazer as próprias demarcações, colonizar o todo, tomar posse do que já te pertence para enfim conquistar o novo.

Só então uma nova geografia pode surgir.

Primeiro, uma geografia da mente.

Depois, uma geografia do corpo (JONAS MARIA, S/D).

Questionando a geografia do corpo, Jonas Maria, desfaz a organização, o organismo e os órgãos do corpo, abrindo este para conexões e agenciamentos que desterritorializam e apagam as marcas e significados de um mapeamento prévio. Essa nova geografia que surge, rompe com os pontos de fixação e cristalização dominantes da produção de si (DELEUZE, GUATTARI, 1996).

Jonas Maria (S/D) no texto “Moléculas de Testosterona” provoca: “Nada poderia ser mais artificial que a substância oleosa que injeto. Nada poderia ser mais artificial que o gênero que vestimos”. O Juízo, o binarismo de sexo/gênero e as políticas do corpo são tão artificiais e produzidas em rede, quanto as moléculas de testosterona injetadas por homens trans. Porém, o fato destes elementos serem produções, não impede que estes agenciem e organizem a forma como vivemos e nos relacionamos com nós mesmos e com os outros.

O corpo é uma produção histórica, cultural e política, sempre em mudança. Portanto, não possui uma natureza transcendental ou universal, mas é uma materialidade provisória, mutável. O poema “O corpo trans é a referência” questiona sobre os padrões de corpo instituídos como norma e a possibilidade de produzirmos novas referências:

O cisgênero pensa ser o fim. Pensa ser nosso objetivo. Pensa ser nossa referência.

Não.

Para mim, o corpo trans é o fim em si mesmo.

Não é sobre ter um corpo “à imagem e semelhança” do cis.

Não é sobre ser uma “mulher despeitada”.

Não é sobre ser um “homem de vagina”.

O não-lugar é o lugar.

O rasgo no peito e entre as pernas é o que integra minha estética.

Os órgãos, socialmente conflitantes, são o que compõe o mosaico final.
A figura já completa.
O corpo trans é a minha referência (JONAS MARIA, S/D).

O corpo em Artaud e Jonas Maria evidencia que este está sujeito às mais diversas transformações produzidas por diferentes tecnologias: jurídica, política, cultural, médica etc. “O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (LE BRETON, 2006, p. 26). Ele é plástico e relacional.

Assim como o corpo, o sexo não é estável, tanto que sua localização no corpo tem mudado ao longo dos anos. Os órgãos reprodutivos foram por muito tempo o ponto fixo na superfície corporal que determinava o sexo verdadeiro de um indivíduo. Mas os estudos sobre pessoas com genitália ambígua e transexuais trouxeram um novo problema para ser solucionado. Isso provocou o deslocamento do sexo para os hormônios, depois para os genes e, nos últimos anos, para o cérebro (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Essas mudanças demonstram que a produção do sexo como natural e localizado no corpo muda se olharmos a sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CsO se produz a partir das linhas de fuga que se conectam e se conjugam de forma singular, produzindo fluxos, intensidades e potências. O corpo a partir dos escritos de Jonas Maria e Antonin Artaud não define pela sua forma ou substância ou órgãos ou função, mas pelas relações, movimentos, agenciamentos e afetos.

A desterritorialização e dessubjetivação compõe o CsO em seu devir, não existindo um fim neste movimento, pois o processo de organização e normalização sempre estão presentes. Antonin Artaud e Jonas Maria mostram a potência dos microagenciamentos que instauram devir e desejo singulares e criativos.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre: L&PM, 1983.

- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. (R. Aguiar, Trad.). 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original Publicado em 1990). 2010.
- DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3.
- DELEUZE, Gilles. Espinosa e o problema da expressão. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2017.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1997. v.4.
- LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo, gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.
- LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (Orgs). Nietzsche e Deleuze - o que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza – CE – Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.
- MARIA, Jonas. Sintético. In: Jonas Maria. S/D. [S.I.] disponível em: <<https://www.jonasmaria.com/sintetico>> Acesso em 13 fev 2021.
- MARIA, Jonas. Geografia do corpo. In: Jonas Maria. S/D. [S.I.] disponível em: <<https://www.jonasmaria.com/geografia-do-corpo>> Acesso em 13 fev 2021.
- MARIA, Jonas. Geografia do corpo. In: Jonas Maria. S/D. [S.I.] disponível em: <<https://www.jonasmaria.com/moleculas-de-testosterona>> Acesso em 13 fev 2021.
- MÉLLO, Ricardo, SAMPAIO, Juliana. Quimeras: Corpos intersex borrando as fronteiras do discurso médico. Monografia apresentada no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. 2010. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000005/000005DB.pdf> Acesso em: 09 de junho de 2012.
- SANTOS, Adriana Rosa Cruz. Para acabar com o juízo (de deus): Artaud, Foucault e os corpos ingovernáveis. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 132-141, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 ago. 2019.